



TEATRO

Helena Simões

A Batalha da Ironia



Legenda **legenda** **legenda** **legenda** **legenda** **legenda** **legenda**

A Batalha de Não Sei Quê, tal como o seu título indica, é um espetáculo de ironia leve e a brincar, mas não tão leve como quer parecer e, em todo o caso, encantador, inclusive no sentido de hipnotizar.

Produzido pelo Teatro do Eléctrico em associação com os Artistas Unidos, está em cena no Teatro da Politécnica.

O seu autor e encenador Ricardo Neves-Neves, que é também diretor

artístico do Teatro do Eléctrico, já nos habituou à sua poética musical, muito própria e singular, tanto de argumento como de encenação. Por ser um dramaturgo, já com vários títulos, que escreve para a cena e encenador dos seus textos, mesmo antes da fundação oficial do Teatro do Eléctrico, em 2008 (O Regresso de Natasha, Manual, Black Vox, A Porta Fechou-se e a Casa Era Pequena, Fantoques Gigantes, O Solene Resgate e Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo), encontra equivalentes cénicos sempre consistentes com a sua dramaturgia que, de facto, é específica, sobretudo porque contém em si a "fala" dos atores. É uma "fala" cantante, com repetições, por vezes em coro ou em contraponto, ou só faladas, mas sempre conscientes de uma musicalidade global que perfaz a obra.

As personagens, mesmo concretas, são apresentadas com grande dose de ingenuidade, o que lhes

confere uma abstração muito conveniente para fazerem parte de uma estrutura complexa, porém aparentemente simples, que flui com ritmo quase matemático diante de nossos olhos.

A Batalha de Não Sei Quê conta com uma cenografia (muito bem iluminada) que podia ser para um conto de fadas: carpete de relva verde, a delimitar o palco, um pequeno monte, parede de fundo alta com abertura por onde os atores espreitam, e acima da qual se estende um telão a simular o mais além, e também uma cadeira de jardim. Com o rigor e a clareza cromática a que já nos habituou, Rita Lopes Alves cumpre aqui a função de contextualizar as ações e os discursos de várias personagens, aparentemente inconciliáveis. Como escreve Jorge Silva Melo na folha de sala: " (...) temos gerais, presidentes, espanholas, espias, jovens e belos tenentes, armas, tráfico, submarinos e video-conferências. (...) "

É uma paródia orquestrada com sensibilidade pelo seu encenador, onde o humor vai de par com a iminência de tragédia (acutilante a narração das ações fora de cena, como na tragédia, só que aqui, espreita-se para saber), e que num crescendo de associação de ideias, referências, palavras, desagua inevitavelmente no sentimento de absurdo da vida e dos homens.

Grande generosidade dos atores que genuinamente se divertem, e nós com eles, na execução das tarefas de dar corpo e voz a personagens - caricatura de funções - que identificamos imediatamente, possuídas por traços genéricos que exploram com afinc e imaginação, sem se deixarem levar pelo lugar-comum. Movem-se como um corpo único, aparentemente livres, numa rigorosa coreografia de gestos e de expressão, de significações precisas, constituindo, a cada compasso, uma imagem que se desfaz para dar lugar à seguinte, e a suscitar a nossa admiração.

À laia de guia de visão/audição diria que o espectador não pode procurar o fio da meada (narrativa), mas ao invés fruir com a imprevisibilidade do que aparece em palco e elaborar também as suas próprias associações imaginárias. E encontrar a emoção e o sentido.

> A BATALHA DE NÃO SEI QUÊ

Texto e Encenação Ricardo Neves-Neves, Cenografia e Figurinos Rita Lopes Alves, Luz Pedro Domingos, Espaço Sonoro Rui Rebelo, Vídeo Eduardo Breda, Com Américo Silva, Andreia Bento, José Leite, Ricardo Neves-Neves e Vânia Rodrigues. Coprodução Artistas Unidos/Teatro do Eléctrico.

Teatro da Politécnica, terça e quarta às 19h, quinta e sexta às 21h e sábado às 16h e às 21h. Até 11 de junho.